

SABERES ZAPATISTAS: 25 ANOS DE AUTONOMIA

ZAPATIST KNOWLEDGE: 25 YEARS OF AUTONOMY

Maurício Beck

Universidade Estadual de Santa Cruz, UESCS, Ilhéus, BA, Brasil

Resumo: Da perspectiva da Análise de Discurso, iniciada pelo círculo de intelectuais em torno de Michel Pêcheux, na França, entre as décadas de 1960-1970, empreendeu-se um gesto de análise do discurso do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), movimento que se alçou em armas em janeiro de 1994, no sudeste mexicano. Entretanto, são os comunicados, as cartas, as declarações, as imagens de rebeldes mascarados, divulgadas pela mídia, que possibilitaram um amplo apoio civil nacional e internacional. O processo de resistência-revolta, em curso nos últimos 25 anos no estado de Chiapas, permite o estudo dos modos de funcionamento de discursividades dominadas, dissimétricas em relação à ideologia dominante, neste início de século XXI. Com base nesta análise, foi possível retomar o conceito de espectro do irrealizado articulado ao processo de reprodução/transformação histórico.

Palavras-chave: processos de resistência-revolta-revolução; discurso zapatista; lutas populares.

Abstract: From the perspective of Discourse Analysis, initiated by the circle of intellectuals around Michel Pecheux in France in the decades of 1960-1970, a analysis of the discourse of the Zapatista Army of National Liberation (EZLN) was undertaken. The EZLN is an armed movement which started in southern Mexico in 1994. However, it has been their announcements, letters, statements, the images of rebels wearing masks disseminated by the media which made it possible a national and international civil. The process of resistance-rebellion in the past 25 years in the state of Chiapas allows the study of the modes of operation of dominated discourses, dissymmetric in relation to the dominant ideology, in this early twenty-first century. Based on these analyses, it was possible to reassess the concept of spectrum of the articulate unrealized to the process of historical reproduction/ transformation.

Keywords: process of resistance-revolt-revolution; Zapatista discourse; popular struggles.

Práticas teóricas e práticas políticas: caminhar perguntando

Diz Durito que a liberdade é como a manhã. Alguns a esperam dormindo, porém alguns acordam e caminham à noite para alcançá-la. Eu digo que os Zapatistas somos os viciados em insônia que desesperam a história.

Subcomandante Marcos

A proposta deste artigo é revisitar o texto e o tema de pesquisa de minha tese de doutorado intitulada *Aurora Mexicana: processos de resistência-revolta-revolução em lutas populares da América Latina* – o exemplo do discurso zapatista (BECK, 2010). Há cerca de uma década, me propus a analisar o discurso dos insurgentes indígenas com o objetivo de abordar um dos movimentos mais heterodoxos no espectro da esquerda das últimas décadas. O Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) saiu da clandestinidade após o levante armado, em primeiro de janeiro de 1994, no estado de Chiapas, sudeste do México – justamente em um momento que a via da luta armada era considerada uma alternativa ultrapassada pelo pensamento político de esquerda. No entanto, os zapatistas tornaram-se mundialmente conhecidos por meio de suas cartas, comunicados e declarações, disseminados pela então emergente rede mundial de computadores.

Analistas políticos e acadêmicos (FIGUEIREDO, 2003) interpretaram o levante neozapatista, cujo enfrentamento armado durou somente 12 dias, como uma guerra de palavras. De fato, não só pela adesão da chamada sociedade civil mexicana, mas também pelo apoio massivo internacional, que o EZLN ganhou “poder de fogo” e força para sobreviver ao aparato militar e paramilitar do Estado mexicano. Passado um quarto de século, as comunidades zapatistas, distribuídas em inúmeros municípios autônomos no sudeste mexicano, já fizeram história e constituem a experiência de autogoverno coletivo mais longeva da era moderna.

No campo teórico, a perspectiva da minha pesquisa era a da história enquanto processo, sujeita a transformações, de modo que, na aurora do século XXI, busquei investigar a emergência de processos de resistência-revolta-revolução em lutas populares no continente latino-americano, mais especificamente, no sudeste mexicano. A expressão processos de resistência-revolta-revolução tomei emprestada de Michel Pêcheux ([1978] 1997). Não por acaso e em continuidade à abordagem althusseriana, filosofia que já articulava sujeito, sentido e ideologia, a *Análise de Discurso Materialista*, em seus primórdios, buscava compreender as formas de assujeitamento (e de sua possível superação) à ideologia dominante. A seu modo e dentro do campo a que se propôs, Pêcheux buscou elaborar teoricamente a imbricação discurso-sujeito-ideologia, tendo, entretanto, a preocupação de distinguir o modo de funcionamento da ideologia dominante – cujo efeito social mais importante é a reprodução da dominação política/exploração econômica – do modo de funcionamento da ideologia dominada – cujo efeito político esperado é

ou deveria ser o da emancipação e a autonomia dos indivíduos livremente associados (cf. a tradição do movimento proletário do século XIX e XX). Em minha interpretação, as definições concernentes a cada modalidade discursiva propostas pelo filósofo francês são modos de atualização, dentro da teoria do discurso, de conceitos próprios ao marxismo-leninismo acerca das ideologias em nossa formação social. Em concordância com a releitura sintomal do materialismo histórico, encetada primeiramente por Althusser ([1995] 2008), Pêcheux ([1975] 1997) concebeu e distinguiu três modalidades de funcionamento subjetivo – remetidas a ideologias e práticas políticas diferenciadas.

Na primeira modalidade, o bom sujeito se constitui pela identificação com o Sujeito da formação discursiva na qual aquele se encontra inscrito. Essa identificação do sujeito com o Sujeito se dá de modo inconsciente, visto que, para Pêcheux e Althusser, a ideologia se caracteriza por camuflar seu próprio funcionamento. A primeira modalidade de funcionamento subjetivo é teorizada como um modo de assujeitamento que se constitui em conformidade com as evidências das formações discursivas imbricadas com as formações ideológicas que, por sua vez, se encontram regidas pela ideologia dominante. Na tradição marxista-leninista, a ideologia dominante é a ideologia burguesa. O diferencial da abordagem pecheuxtiana é pensar a ideologia não somente enquanto conteúdo, como Lenin ([1902] 1982) havia pensado, ou remetendo a temas (idealismo, liberalismo), como na proposta de Althusser, mas sim como uma força e forma material dotada de um funcionamento cujas regularidades determinam o que pode e deve ser dito nas formações discursivas a ela imbricadas.

A segunda modalidade de funcionamento subjetivo de Pêcheux parece ser inspirada na afirmação althusseriana ([1995] 2008) de que alguns maus sujeitos, não conformados com uma determinada ordem estabelecida, acabam por provocar a intervenção do aparelho repressivo de Estado. Essa posição se caracteriza por contestar, questionar e revoltar-se contra as evidências ideológicas da formação discursiva à qual está assujeitada. Pêcheux ([1975] 1997) definiu esta modalidade como um discurso-contra (ou contradiscurso). O mau sujeito por definição operaria uma contraidentificação em relação ao Sujeito e não se desvencilharia de todo da matriz de sentidos das formações ideológicas dominantes. Não pude deixar de notar que a formulação teórica dessa modalidade parece embasar-se nas discussões em torno das ideologias espontâneas no interior do materialismo histórico. A posição de Pêcheux – convergente com Lenin e Althusser, e em oposição a Rosa Luxemburgo – é a de que a espontaneidade

da recusa ideológica carece de potencial transformador para a superação da dominação/exploração. Por conseguinte, esta permanência determinada pela deformação imaginária da ideologia dominante e, por si só, seria impotente na luta pela emancipação política.

Segundo meu gesto de leitura, é a partir da proposta vanguardista de Lenin e de Althusser que se pode compreender o escopo e as questões teórico-políticas em jogo nas elaborações pecheuxianas referentes à terceira modalidade – ou, como nomeei em minha pesquisa: a do feio. Numa primeira abordagem de Pêcheux ([1975] 1997), a terceira modalidade se constituiria por intermédio da integração de conhecimentos objetivos, científicos e políticos. A segunda modalidade, a da contra-identificação, seria um primeiro movimento (a matéria-prima) para a constituição da terceira. A integração dos conhecimentos objetivos, sua apropriação “subjetiva”, só se efetivaria, no entanto, por meio da prática política (do partido de vanguarda) do proletariado em fusão com a ciência do materialismo histórico. Em consequência, estes estranhos sujeitos materialistas se distinguiriam por dispor de uma doutrina científica fusionada com o “instinto de classe” dos explorados como forças principais em sua luta política. Esta prática política funcionaria com base em uma pedagogia da ruptura (uma pedagogia revolucionária nos termos leninistas) “das identificações imaginárias em que o sujeito se encontra” (PÊCHEUX, [1975] 1997, p. 299).

Não obstante a contribuição de Pêcheux para a teoria do discurso e do sujeito como efeito da imbricação discurso-ideologia, algo veio a falhar na prática política do aparelho partidário eurocomunista, pondo na berlinda as conceituações acerca da terceira modalidade discursiva de funcionamento subjetivo. Pêcheux propõe uma retificação para sua própria formulação do “fantasma de um estranho sujeito materialista”. O anexo da edição inglesa de **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio** é uma retificação teórica. E é, sobretudo, a noção da apropriação subjetiva do proletariado que é retificada. Tendo em vista as críticas de aliados e/ou adversários teórico-políticos, o filósofo francês toma conhecimento de uma simetria inconfessada entre o sujeito da prática política do proletariado e o sujeito da ideologia dominante. O conceito de sujeito materialista, supostamente ciente das condições objetivas que o determinam, revela-se um reflexo invertido do bom sujeito. A feitura da terceira modalidade aos poucos se desvela para os olhos do teórico. Além disso, a pedagogia da ruptura, antes tida como capaz de “uma interpelação às avessas”, passa a ser questionada pela sua excessiva inclinação platônica (idealismo). Em outras palavras, o “retorno idealista de um primado da teoria sobre a prática” remete ao

postulado epistemológico de que a teoria seria radicalmente exterior e, de algum modo, imune ao funcionamento da Ideologia.

As retificações do anexo *Só há Causa Daquilo que Falha* ([1978] 1997)¹ são indícios ou sintomas de um verdadeiro recuo (ainda que um avanço conceitual tenha ocorrido). Trata-se de um recuo teórico, uma vez que a articulação conceitual entre a teoria materialista do discurso e as ideologias dominadas ficou em suspenso. Desde o anexo, os estudos em *Análise de Discurso* focalizaram as modalidades das resistências (inconscientes)² que emergem no cotidiano das formações sociais. Em *Só há causa daquilo que falha*, Pêcheux faz referência à genealogia foucaultiana acerca das práticas disciplinares e dos processos de individualização-normatização. Essa seria uma linha de estudos históricos a que o autor considera pertinente debruçar-se:

¹ Neste mesmo ano, Althusser publicou uma série de artigos no jornal *Le Monde*, também lançada em livro: **Ce qui ne peut plus durer dans le parti communiste**. O filósofo (1978) argumenta que a tendência parlamentar e a estrutura militar do partido comunista funcionam de modo a perpetuar o poder exclusivo da cúpula do partido sobre a base, em especial, a hierarquia militar se constituiu como uma estrutura vertical das unidades. Desse modo, se estabelece um sistema de controle e esquadramento, em que os militantes são como soldados a receber ordens inquestionáveis dos “quadros” do partido. Qualquer cooperação ou diálogo entre células são evitados, inviabilizando uma articulação mais horizontalizada no interior do aparelho partidário. Essa estrutura organizativa tem como efeito de sentido a crença de que a linha justa só poderia vir de cima. Contrapondo-se a uma abordagem iluminista ou vanguardista, Althusser argumenta que, nos anos de 1960 e 1970, as bases do partido comunista e aqueles movimentos nas bordas da luta de classes (jovens, mulheres) começaram a fazer suas próprias análises da conjuntura político-social.

² Pêcheux ([1978] 1997) cita as narrativas autobiográficas de um intelectual militante sobre o trabalho em série nas indústrias Citroën: “O organismo resiste. Algo no corpo e na cabeça, se fortalece contra a repetição e o nada. A vida: um gesto mais rápido, um braço que pende inoportunamente, um passo mais lento, um sopro de irregularidade. [...] Tudo o que, em cada um dos homens urra silenciosamente: Eu não sou uma máquina! R. Linhart, *L'établi*. Paris: Minuit, 1978, p. 14” (PÊCHEUX, [1978] 1997, p. 278). Essa indisciplina da cabeça e do corpo, essa resistência inconsciente, está em contradição com o proletariado disciplinado pela fábrica, na acepção leninista. Ora, segundo Lebrun, se acontecer de as massas não encontrarem-se disciplinadas, Lenin, enquanto “chefe de Estado, decretará com toda a simplicidade que ‘as condições sócio-econômicas ainda não permitiram que os operários se tornem verdadeiros proletários.’ Foi o que Lenin afirmou no seu discurso de 1922 no XI Congresso – e lhe valeu essa réplica fulminante de um homem de espírito da assembleia: ‘Deixe-me felicitá-lo, camarada Illich, por ser a vanguarda de uma classe inexistente’”. (LEBRUN, 1983, p. 149). Lebrun, – que no mesmo texto afirma que o Althusser (do texto da nota anterior) não está a romper com o stalinismo do PCF, mas com o vanguardismo leninista – curiosamente traz uma réplica chistosa, em convergência com Pêcheux, para pôr em questão a disciplina fabril, a heteronomia e a inexpugnabilidade da Teoria em relação à ideologia dominante.

[...] para que se comece, enfim, a compreender o processo de resistência-revolta-revolução da luta ideológica de classes, evitando fazer da ideologia dominada, seja a repetição eternitária da ideologia dominante, seja a autopedagogia de uma experiência que descobre progressivamente o verdadeiro atrás-das-cortinas das ilusões mantidas pela classe dominante, seja a irrupção teorizada de um saber exterior, o único capaz de romper o círculo encantado da ideologia dominante (PÊCHEUX, [1978] 1997, p. 303.).

Esta é uma proposta deixada em suspenso no percurso teórico de Pêcheux, a do estudo dos processos de resistência-revolta-revolução para além das tradicionais abordagens espontaneístas ou de vanguarda, voluntaristas ou quietistas. Talvez se possa compreender essa suspensão teórica tendo em vista que ela permaneceu sem resposta política concreta com a crise dos partidos comunistas europeus e com a derrocada do chamado socialismo real no fim do século XX. Em artigo com Phellipe Marcel, propus a seguinte releitura sobre as modalidades, em convergência com os processos de resistência-revolta-revolução:

[...] o bom sujeito, mantém-se identificado ao Sujeito, mas também resiste a Ele; o mau sujeito se contraidentifica ao Sujeito e, por isso mesmo, se revolta contra Ele; e o feio sujeito se desidentificaria e, por conseguinte, teria condições de subverter suas coordenadas ideológicas, de revolucionar as relações de forças (BECK; ESTEVES, 2012, p. 152).

Por este prisma, visava a manter o vínculo conceitual entre os processos de resistência-revolta-revolução, a história sujeita a transformações e a teoria das modalidades discursivas de funcionamento subjetivo. Outras propostas, como a de Indursky (2007), pensam a desidentificação como ruptura com os saberes de dada formação discursiva, já não se questionam mais sobre a possibilidade de ruptura com o dominante do todo complexo (i.e. a ideologia dominante). Embora analiticamente operatórias, tais posturas, aparentemente caudatárias da esquerda moderada brasileira³, aderentes à coalizão de classes, inibem a radicalidade da proposta pecheuxtiana (FONSECA, BECK, ESTEVES, 2018), encerrando o horizonte teórico-analítico da Análise de Discurso aos litígios discursivos das democracias (atualmente em risco mortal) capitalistas.

Após essa trajetória de problemáticas teórico-políticas, remontar-se-á

³ “A contra-hegemonia pautada pela esquerda moderada é pontual e visa resistências específicas, e não a organização de ruptura. A ruptura até pode ser desejada pelos moderados, mas não está no horizonte como está para a esquerda radical. É a perspectiva da ruptura que separa a política moderada da radical” (FERNANDES, 2019, p. 63).

aos neozapatistas.

Fotogramas zapatistas de uma conjuntura contemporânea

O signo quixotesco do zapatista inclinado sobre moinhos de vento multinacionais no espaço cibernético continua a apontar para a existência material dos corpos que são deixados para trás no outro lado da tela enquanto a Nova Ordem Mundial é digitada.

Abdel-Moneim

Neste final de segunda década do século XXI, as comunidade autônomas zapatistas expandem seus enclaves de autonomia e resistência às investidas paramilitares e aos projetos de exploração da região via iniciativas de assimilação capitalista. Segundo Morel (2017), os zapatistas se organizaram em cinco zonas rebeldes ou caracóis, desde 2003, constituindo uma autonomia de modo lento, mas avançado:

A construção da autonomia passa a atravessar toda a vida zapatista: na criação de escolas, atenção à saúde, cooperativas e estrutura jurídico-administrativa, quer dizer, toda uma organização distinta das instituições estatais mexicanas e geridas através de assembleias locais. Para tal, os zapatistas organizam suas vidas por um duplo trabalho na *milpa* (plantação) da família, de onde provém parte fundamental do seu alimento, e o trabalho coletivo. [...] O trabalho coletivo é um dos principais fundamentos da autonomia zapatista (MOREL, 2017, p. 106-107).

Em outro artigo, Morel (2019, s.p.), no entanto, ressalta que os territórios autônomos estão perpassados pela co-presença tensa zapatista e estatal. Os milhares de zapatistas convivem entre os indígenas partidistas (vinculados a partidos políticos e que aceitam programas assistenciais do governo) e os indígenas bases de apoio do movimento. Mais recentemente, os zapatistas têm se organizando para resistir a iniciativas como a construção da linha férrea para fins turísticos, batizado de Trem Maia, através da parceria entre o setor privado e o governo federal (celebrado como de esquerda) de Andrés Manuel López Obrador. Por outro lado, por decisão em congresso nacional indígena, realizado em 2017, no Centro Indígena de Capacitación Integral Fray Bartolomé de Las Casas AC-Universidad de la Tierra Chiapas, em San Cristóbal, uma candidatura indígena e independente à presidência do México, a de **María de Jesús Patricio Martínez (Marichuy)**, de etnia

Náhuatl, foi pela primeira vez proposta pelo **Conselho Nacional Indígena (CNI)** e apoiada pelo zapatistas. A candidatura, no entanto, não conseguiu o número mínimo de assinaturas (860 mil) para a homologação no pleito.

Este gesto político inusitado, que parece romper com posições autonomistas e severamente críticas à lógica parlamentar e à esquerda partidária de a Otra Campaña de 2005, provocou uma série de reposicionamentos e reinterpretações no México e no mundo. No Brasil, o intelectual, vinculado ao partido dos trabalhadores, Emir Sader (2016), afirmou que o gesto de adesão à candidatura pelo EZLN seria o reconhecimento de seu erro estratégico anterior, que condenara o zapatismo ao isolamento e à “intranscendência”. O que Sader parece desconsiderar é que a decisão de adesão ao pleito eleitoral pelos zapatistas está mais próximo de uma tática de autodefesa e de enfrentamento à violência do antagonista do que de uma posição que professa a mudança de cima para baixo⁴:

[...] nos declaramos em assembleia permanente e consultaremos em cada uma de nossas geografias, territórios e rimos o acordo que esse Quinto CNI de nomear um conselho indígena de governo cuja palavra seja materializada por uma mulher indígena, delegada do CNI como candidata independente que dispute em nome do Congresso Nacional Indígena e do Exército Zapatista de Libertação Nacional o processo eleitoral de 2018 para a presidência. deste país.

Ratificamos que nossa luta não é pelo poder, não o buscamos; o que faremos é chamar aos povos originários e a sociedade civil a nos organizarmos para deter essa destruição, fortaleceremos nossas resistências e rebeldias, ou seja, em defesa da vida de cada pessoa, cada família, cada coletivo, comunidade ou bairro. Para construir a paz e a justiça nos religando desde baixo, desde onde somos o que somos. É tempo da dignidade rebelde, de construir uma nova nação por e para todos e todas, de fortalecer o poder de abaixo e à esquerda anticapitalista, de que paguem os culpados pela dor dos povos desse México multicolorido. (EZLN/CNI, 2016 s.p.)

Na interpretação de Silveira (2018, p. 51), a contradição trabalhada nestes comunicados zapatistas é, em suma: “se os sonhos não cabem nas urnas, tampouco deve-se permitir que os pesadelos as ocupem.”. Antes de prosseguir, cabe insistir em uma questão: por que uma análise do discurso zapatista? Um levante armado tão distante geográfica e ideologicamente

⁴ Discurso este que conhecemos no Brasil antes mesmo do *jingle* de campanha, ou do acontecimento discursivo *Lula Lá* (INDURSKY, 2003). É de se perguntar se não vivemos atualmente enclausurados entre o acontecimento *Lula Lá* e a palavra de ordem. *Lula-Livre*, sempre na esperança de mudar um país de cima para baixo. Os zapatistas, em contraste, continuam se posicionando desde abaixo e à esquerda.

das condições de produção e das práticas da política brasileira? Discurso de uma minoria indígena e camponesa? O que teríamos a aprender com as comunidades autônomas de Chiapas? A resposta perpassa as instâncias política e discursiva. Com relação à prática política, o neozapatismo seria um exemplo de organização da revolta que funciona na recusa da divisão social do trabalho de transformação (vanguarda/massas) das relações de exploração, dominação e segregação. No que concerne às especificidades da instância discursiva, o neozapatismo permitiria pensar concretamente sobre o processo de resistência-revolta-revolução para além das resistências pontuais cotidianas, alternativo ao vanguardismo marxista-leninista⁵ e o correlato discursivo estranho sujeito materialista, supostamente, desidentificado via a pedagogia do dispositivo partidário.

No transcurso de minha pesquisa, persegui uma questão: a do sujeito zapatista, suas autodesignações ou suas atribuições, suas imagens, suas práticas em relação às circunstâncias que envolvem o imaginário das condições de luta e que aludem ao movimento do real dos processos de resistência-revolta em andamento no sudeste mexicano. Pensar o sujeito zapatista era pensar: sua recusa em ser identificado e individualizado pelo Estado; as formas de reconhecimento entre os zapatistas e seus simpatizantes; a imagética dos rostos mascarados; o humor diante da adversidade e a autozombaria; o silenciar enquanto apraxia (BECK, 2013) e recusa quando se é interpelado (pelo discurso dominante) a se pronunciar publicamente.

Com esta abordagem algumas facetas do sujeito zapatista puderam ser mais bem compreendidas em seu modo de funcionamento. Trata-se de um processo que avança ou recua conforme um conjunto de determinações de ordem social, econômica, política, ideológica e discursiva. No caso neozapatista, é bom não esquecer que seu discurso se produziu em meio a um levante armado, a uma autonomia política e uma coletividade socioeconômica dos povos chiapanecos que sobredetermina materialmente seu dizer e, ao mesmo tempo, faz emergir outras potencialidades subjetivas. Contudo, o que parece marcar uma diferença em primeiro lugar é a forma como a contradição é significada no interior da discursividade zapatista: a contradição é explicitamente significada e os sujeitos estão avisados desta condição. Os zapatistas acentuam o contraditório em seu discurso

⁵ É importante mencionar que, segundo Morel (2017), em artigo que coteja o zapatismo com a luta pela autonomia curda em Rojava, “tanto o movimento curdo quanto o movimento zapatista são marcados por uma trajetória que começa no marxismo-leninismo e apresenta uma ruptura com essa perspectiva política para se encaminhar para uma defesa da autonomia. (MOREL, 2017, p. 104)

(mandar obedecendo, aqui manda o povo e o governo obedece) e por, de alguma forma, tentar haver-se com essa contradição. Enfatizar e significar a contradição que os constitui potencializa sua transformação por meio do questionamento (perguntando caminhamos) em um movimento subjetivo que se lança no devir da transformação histórica. Na sequência, buscarei revisitar uma das práticas zapatistas para mostrar como são trabalhadas algumas de suas contradições.

Celebridades anônimas: individualização recusada

Suponhamos que a constante ou metro seja homem-branco-masculino-adulto-habitante das cidades-falante de uma língua padrão-europeu-heterossexual qualquer.

Deleuze e Guattari, 1995

A condição minoritária⁶, de vida nua, ou de sujeitos-segregados, situa-os entre o fato e o direito do estado de exceção, segundo Agamben (2010), uma vez que a população de excedentes ameríndios chiapanecos estaria incluída em um dispositivo governamental que a exclui da condição de sujeito-cidadão. Disto resultaria uma absurda condição kafkiana de direito/proibição às portas da lei. Em resistência-revolta a essa condição, os zapatistas, segundo Abdel-Moneim (2017), adquiriram uma importância transnacional com seu levante armado e difusão de textos e imagens zapatistas por meio digital. Para Abdel-Moneim (2017, p.15), as “comunidades autônomas, situadas em uma das mais isoladas e marginalizadas regiões do México, agora se encontram no centro de um espaço discursivo que vem transgredindo fronteiras.” A autora se refere, sobretudo, aos primeiros anos do levante que produziu a paradoxal condição em que indígenas do mundo rural e periférico tiveram suas imagens e palavras difundidas nos novos meios digitais transnacionais.

Como argumentei em minha pesquisa, os zapatistas se constituíram como um exército clandestino. São uma coletividade que luta pela causa e que dá visibilidade a uma população de anônimos “sem rosto” e “sem voz” porque, na condição de segregados não compartilham com os demais

⁶ Os zapatistas são integrados por indígenas falantes das línguas tzeltal, ch’ol, tzotzil e tojolabal. Línguas minoritárias de trabalhadores, na maioria das vezes, das zonas rurais do sudeste do México. Segundo Morel (2017), antes mesmo do levante do EZLN, em 1993, as comunidades zapatistas, então clandestinas, haviam promulgado a Lei revolucionária das mulheres contra a exploração, discriminação e violência doméstica.

mexicanos a condição de cidadãos com direitos assegurados. Dessa forma, a identidade zapatista, ao se recusar, ao se rebelar, a ter de falar desde a posição de um sujeito individualizado (re-conhecido pelo Estado) abre possibilidades para novas formas de subjetivação e outras formas de laço social.

O que se opera com o mascaramento do rosto e com o anonimato dos militantes do EZLN? Algo que lembra a dupla identidade dos super-heróis mascarados dos quadrinhos da cultura industrial? Ao menos um ponto em comum há: o zapatista de rosto coberto é uma figura célebre, enquanto sua identidade civil é desconhecida, uma vez sem máscara este sujeito pode passar despercebido entre os demais sujeitos das cidades, vilas e ejidos no México. O traço em comum é, portanto, a condição de celebridade anônima na dita Sociedade do Espetáculo, porque não aparece e não fala desde sua identidade civil. Por outro lado, é um célebre anônimo, pois é indígena, camponês e segregado e, ainda assim, sua imagem se difunde pela mídia, sobretudo pela rede mundial de computadores, tornando a causa zapatista mundialmente célebre.

Desde que saíram da clandestinidade, em primeiro janeiro de 1994, os integrantes efetivos do EZLN têm coberto seu rosto com um pasamontañas (gorros negros) ou um paliacates (lenços coloridos) como parte integrante e inalienável de seu uniforme. Além disso, entre os neozapatistas há adoção de um outro nome (supõe-se que em memória de um zapatista morto) antecedido pelo posto de hierarquia militar (subcomandante, comandante, capitão). Não há referência a quaisquer genealogias familiares entre os sujeitos revoltosos, pois não se adotam sobrenomes. O codinome zapatista parece funcionar de forma diversa daquela do dispositivo de nomeação descrito por Guimarães (2005) em que há dois tipos de nomes: conforme o modo de construção pela aposição morfossintática, a um primeiro nome (o do indivíduo) segue-se um sobrenome (o da família).

Para Guimarães (2005, p. 35), o nome próprio de pessoa, nome/pessoa, nome/falante, nome/sujeito é "uma construção em que relações semânticas de determinação constituem o nome". Relações semânticas de determinação que funcionam como um modo de distinguir e identificar, tendo em vista que a "identificação de um indivíduo biológico para o Estado e para sociedade é tomá-lo como sujeito" (GUIMARÃES, 2005, p.36). Em consequência, o indivíduo deixa de pertencer a uma massa anônima e indiferenciada, deixa de ser indiscernível de outrem, e passa a ocupar um lugar discreto, ou seja, constitui-se uma existência simbólica em dada formação social por meio de sua nomeação.

Pela adoção de um heterônimo, o nome de família e a identidade civil dos sujeitos neozapatistas são ocultados a todos os não-zapatistas no sentido restrito, dos não-integrantes do EZLN. No caso dos neozapatistas, interpretei que a renomeação dos sujeitos se realiza como uma espécie de recusa às “formas de individualização do sujeito em relação ao Estado”. Ora, tendo como base as concepções de biopolítica e de sociedade disciplinar em Foucault – produtoras e condutoras de indivíduos em série enquanto integrantes de uma determinada população governada, Ordandi afirma:

Em um novo movimento em relação aos processos identitários e de subjetivação, é agora o Estado, com suas instituições e as relações materializadas pela formação social que lhe corresponde, que individualiza a forma sujeito histórica, produzindo diferentes efeitos nos processos de identificação, leia-se de individualização do sujeito na produção de sentidos. Portanto o indivíduo, nesse passo, não é a unidade de origem (indivíduo interpelado em sujeito – I1) mas o resultado de um processo, um constructo, referido pelo Estado (teríamos então I2, ou seja, indivíduo em segundo grau) (ORLANDI, 2005, p. 106).

No caso do neozapatismo, constitui-se um alter ego do sujeito, agora mascarado, que camufla, que encobre sua identidade civil e sua genealogia. Em outras palavras, produz-se uma indistinção, um efeito de não-identificação. Em consequência, não há como referi-los, interpelá-los, responsabilizá-los (nem a seus familiares) perante o Estado, visto que, devido ao codinome e ao capuz, há possibilidade de equívoco e de erro. O Estado mexicano não pode afirmar peremptoriamente: “Você é você e nenhum outro.”. Como afirma Guimarães:

[...] as pessoas não são pessoas em si. O sentido do nome próprio lhes constitui em certa medida. O sentido constitui o mundo que povoamos. E o constitui enquanto produz identificações sociais que são o fundamento do funcionamento do indivíduo enquanto sujeito. (GUIMARÃES, 2005, p. 41).

Os neozapatistas são indeterminados enquanto indivíduos, conforme seu dizer “por trás das máscaras estamos vocês”. Em outras palavras, os indivíduos biológicos, entendidos como substância, somente são socialmente determinados por suas designações. Se as designações não individualizam, pelo contrário, configuram uma coletividade heterogênea, então a prática de recusa em ser individualizado pelo Estado tem como efeito constituir um “nós” político, um coletivo heterogêneo, onde os sujeitos particulares

são indiscerníveis para quem ocupa um lugar exterior ao neozapatismo. Por conseguinte, o que a recusa em falar e agir a partir da identidade civil mostra é que esta não precisa ser tomada como o núcleo da subjetividade imutável.

É possível afirmar que o subcomandante Marcos, líder militar, no entanto, submetido às decisões políticas das bases de apoio zapatista organizadas, emergiu como uma personagem-sujeito na acepção teatral do termo, remontando à persona ou per sonare (“soar através de”) e que se constituiu em uma posição-sujeito política. Inusitado sujeito suposto porta-voz de um discurso heterodoxo. É, sobretudo, a própria “figura clássica do porta-voz” (PÊCHEUX, [1981] 1990) político que é transformada, pois distante daquele do depositário iluminado da verdade histórica ou do sujeito de um suposto saber régio.

O efeito que ele exerce falando “em nome de...” é antes de tudo um efeito visual, que determina esta conversão do olhar pela qual o invisível do acontecimento se deixa enfim ser visto: o porta-voz se expõe ao olhar do poder que ele afronta, falando em nome daqueles que ele representa, e sob o seu olhar. Dupla visibilidade (ele fala diante dos seus e parlamenta com o adversário) que o coloca em posição de negociador potencial, no centro visível de um “nós” em formação e também em contato imediato com o adversário exterior. (PÊCHEUX, [1981] 1990, p. 17).

Por ser intérprete e tradutor das línguas indígenas locais para o espanhol e vice-versa, sua função mediadora possibilitou uma maior aproximação entre os índios, aqueles chamados de mestiços e os auto-designados brancos, entre os ditos camponeses e ditos cidadãos. Entretanto, embora essa mediação de Marcos desse visibilidade social à questão indígena, não deixava de interferir na tomada de decisões e participação direta dos índios, visto que ele ocupava também o posto de liderança militar do movimento.

O subcomandante Marcos é uma figura controversa dentro do levante zapatista. Isto pelo fato de que o governo mexicano o reconhece como sendo Rafael Sebastián Guillen Vicente, ex-aluno da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Autônoma do México (UNAM) e professor da Universidade Autônoma Metropolitana (UAM), em Cidade do México, mas não há provas com relação a essa identificação, já que a figura do subcomandante Marcos aparece sempre mascarada, afirmando que não se trata de uma pessoa, mas de uma figura política que está sob o comando dos povos zapatistas. Assim, do ponto de vista dos zapatistas, o subcomandante Marcos não é uma pessoa específica, mas um ícone, um porta-voz, sem identidade pessoal, dos povos zapatistas (SILVEIRA, 2018, p. 54).

Segundo Silveira (2018), o subcomandante Marcos havia deixado a condição de porta-voz do EZLN, mas ressurgiu na homenagem ao professor zapatista José Luís Solís López, conhecido como Galeano⁷, assassinado em maio de 2014. Neste dia, Marcos anunciou a morte de Marcos e um novo nome: subcomandante Galeano. Embora o zapatismo busque escapar ao vanguardismo militante, o fato de Marcos ter centralizado muitas práticas entrava em contradição com a posição libertária de estar com os de baixo e à esquerda. No entanto, enquanto autor de cartas e comunicados, Marcos produzia efeitos de desidealização, de autogozoção, auto ironia, desestabilizando a imagem de sujeito com supostos saberes régios.

Por outro lado, Marcos (2008) atualizou o imaginário do revolucionário voluntarioso da esquerda latino-americana, supostamente iluminada pela teoria marxista, quando narrou a história do EZLN desde o período de inserção dos militantes de origem urbana nas comunidades indígenas de Chiapas na década de 1980. Entrementes, segundo o autor, estes militantes, uma vez em contato com os ameríndios, descobriram que têm mais a aprender com a memória e os saberes de mais de 500 anos de resistência política indígena do que a ensinar. Os militantes, de pedagogos autoproclamados, passaram à condição de alunos no aprendizado de uma lição política crucial: aprender a escutar esses sujeitos que estão abaixo e à esquerda na história da América Latina desde a colonização europeia. Em seguida, com humor, Marcos afirmou que a transformação dos militantes iluminados em macacos na Selva Lacandona foi o que levou à adoção do pasamontañas (capuz negro) pelos zapatistas. Era uma “questão de estética e bom gosto”.

O anúncio da morte de Marcos e a metamorfose/renomeação em subcomandante Galeano produziu efeitos de ressignificação em torno do suposto porta-voz mais celebrado do EZLN. Sobretudo, Galeano é uma presença mais difusa na mediação e interlocução dos zapatistas com os povos e governos do mundo. Muitas vezes seus comunicados ganham a coautoria do subcomandante Moisés. Este Galeano já não enuncia do mesmo lugar e com a mesma visibilidade que o líder militar, finado subcomandante Marcos. Enquanto persona cambiante, em deriva de codinomes e de posições, cria empecilhos ao imaginário do líder carismático e personalista, tão comum à tradição política latino-americana. Assim como o revolucionário camponês Emiliano Zapata, Marcos/Galeano se recusa a se assentar no lugar de

⁷ Codinome adotado para homenagear o uruguaio Eduardo Galeano. Em vida, o escritor fora um interlocutor frequente das cartas e comunicados zapatistas.

liderança, seu devir é desaparecer para deixar que a coletividade rebelde sobreviva a ele, em consonância com o lema zapatista: um povo forte não precisa de lideranças fortes.

Espectros do irrealizado de uma aurora zapatista

Quando alguém resiste apenas por resistir, o mérito não está mais na superação, mas na celebração do ato particular de resistência.

Sabrina Fernandes

O objetivo maior desta pesquisa foi retomar a problemática em torno dos processos de resistência-revolta-revolução(?), deixada em suspenso na história da Análise de Discurso devido à crise das esquerdas marxistas e à hegemonia quase inquestionável da ideologia liberal capitalista no transcurso do século XX para o XXI. Entre o legado teórico de Michel Pêcheux, encontra-se a proposição de que as ideologias dominadas⁸ precisam funcionar de modo dissimétrico à ideologia dominante, isso é necessário para serem efetivamente transformadoras – ainda que talvez não seja suficiente. Se a reformulação de Indurky (2007) mostra-se consistente no que concerne à desidentificação – ruptura para com a matriz de sentidos de dada formação discursiva – insisto na necessidade de ir à raiz da questão: como se daria a ruptura com a ideologia dominante? Ou “a forma ideológica da tendência ao não-Estado” (PÊCHEUX, 2014, p.19)? Na história dos movimentos insurgentes e revolucionários, vanguarda aparece como uma noção sobrecarregada de sentidos bélicos e militares (cf. ALTHUSSER, 1978). Não é estranho, nem inesperado que, em termos de modos de organização e de estratégias, os dominados simetризem os bons sujeitos, identificados à ideologia dominante. Talvez uma via possível, inclusive para novas análises e projetos de pesquisa, seja o estudo das práticas políticas prefigurativas, seja a mudança que deseja no mundo, presentes em movimentos autonomistas, como a dos neozapatistas, em movimentos anarquistas, etc. Se a proposta de política prefigurativa de fato se efetiva no interior de movimentos políticos e lutas populares, então talvez as análises mostrem ali funcionamentos diversos e dissimétricos frente aos da ideologia dominante.

Segundo Gordon (2015), a reprodução acrítica de estruturas autoritárias, verticais e burocráticas em movimentos políticos e lutas

⁸ “Precisamos falar de *ideologias dominadas*, no plural, já só pode haver aí uma *única ideologia dominante*, em um momento histórico dado” (PÊCHEUX, 2014, p. 14, grifos do autor).

populares resulta na contradição entre o processo transformador (meio) e o resultado esperado (fins). Em minha leitura, esta postura teórica converge com a da crítica althusseriana e com a autocrítica pecheuxtiana, com minhas pesquisas teóricas, a crítica à divisão social do trabalho de transformação (vanguarda/massas), e também converge com as conclusões dos gestos de análise do discurso zapatista. Estas críticas e conclusões, entretanto, se realizam tendo como horizonte o funcionamento do ideológico e do discursivo e não aquele pautado pela maior/menor eficácia estratégica para a tomada e a manutenção do poder, por exemplo.

Por fim, se a suposição de uma exterioridade radical da teoria, em relação ao ideológico, errava pela sua inclinação voluntarista, então seu avesso talvez incorra em um quietismo teórico, que se atém a analisar resistências cotidianas, sem se indagar por modos de funcionamento de sujeitos insurgentes. O conceito de resistência em *Análise de Discurso*, embora seja um avanço teórico, demarca um recuo político. Talvez um recuo salutar e necessário devido à falibilidade das práticas, entre elas a prática teórica. Ainda mais, se tomarmos a sério a provocação anarquista que diz ser a Teoria o Estado em pensamento. No entanto, desinvestir-se de um teoricismo auto-confiante sobre o movimento do real de processos de resistência-revolta-revolução não significa inibir a formulação de novas conjecturas, de ousadas hipóteses teóricas, ou a armação de andaimes (desmontáveis, remontáveis e deslocáveis) de caráter exploratório (MAZIÈRE, 2019). Tomando o exemplo dos zapatistas⁹, talvez seja hora de desesperar a história e caminhar perguntando, em uma inquietude teórica, para além da miséria do pensamento político da esquerda brasileira contemporânea.

Referências

ABDEL-MONEIM, Sarah .G. **O Ciborg Zapatista: tecendo a poética virtual de resistência no Chiapas cibernético**. Tradução de Regina Borges e Dário Borim Jr. União da Vitória-PR: Monstro do Mares, 2017.

AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer: O poder soberano e a vida nua**. Tradução de Henrique Burigo. v. 1. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

ALTHUSSER, Louis. **Lo que puede durar en el Partido Comunista**. Tradução de Pedro Vilanova Trías. Siglo XXI de España Ed.,1978.

_____. **Sobre a Reprodução**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teix-

⁹ Exemplo e não modelo. Conforme Morel (2017), exemplos instigam a criação e a experimentação, já modelos, a obediência e a servidão. Exemplo discursivo e não estratégico.

- eira. Introdução de Jacques Bidet. 2. ed. Petrópolis: Vozes, [1995] 2008.
- BECK, Maurício. **Aurora Mexicana – Processos de resistência-revolta-revolução em lutas populares da América Latina: o exemplo do discurso zapatista**. Tese (Doutorado em Letras) - UFSM, Santa Maria, 2010. 175 f.
- _____. **Apraxia e Silenciar: formas de resistência-revolta por meio de uma subtração subjetiva**. Conexão Letras. Porto Alegre: UFRGS, v. 8, p. 71-82, 2013
- BECK, Maurício; ESTEVES, Phellipe M. da S. **O sujeito e seus modos: identificação, contraidentificação, desidentificação e superidentificação**. Leitura. Maceió: UFAL, n.50, p. 135-162, jul./dez 2012.
- FIGUEIREDO, Guilherme G. de. **A Guerra é o Espetáculo: origens e transformações da estratégia do EZLN**. Dissertação (Mestrado em Ciências Políticas) - Unicamp, Campinas, 2003. 366 f.
- GUIMARÃES, Eduardo. R. J. **Semântica do Acontecimento: Um Estudo Enunciativo da Designação**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2005.
- GORDON, Uri. **Anarquia Viva! Política Antiautoritária da prática para a teoria**. União da Vitória: Subta, 2015.
- EZLN/CNI. **Que retiemble en sus centros la tierra**. Enlace Zapatista. Comunicado-traducion (16 out. 2016). Disponível em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2016/10/16/que-retiemble-en-sus-centros-la-tierra-2/>>. Acesso em: 15 jul. 2019.
- FERNANDES, Sabrina. **Sintomas Mórbidos: a encruzilhada da esquerda brasileira**. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.
- FONSECA, Rodrigo O.; BECK, Maurício; ESTEVES, Phellipe M.S. Ideologia, discurso, revolução: a radicalidade da proposta pecheuxtiana. In: BARBOSA FILHO, F.R.; BALDINI, L. (Org.). **Análise de discurso e materialismos: prática política e materialidades**. v. 2. Campinas, SP: Pontes, 2018. p. 85-114.
- INDURSKY, Freda. **Lula lá: estrutura e acontecimento**. Organon, Porto Alegre: UFRGS, v. 17, n. 35, p. 101-121, 2003.
- _____. Da interpretação à falha no ritual: a trajetória teórica da noção de Formação Discursiva. In: BARONAS, R. L. (Org.). **Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção/conceito de formação discursiva**. São Carlos/SP: Pedro & João Editores, 2007. p. 75-87.
- LEBRUN, Gérard. **Althusser e seu partido**. In: LEBRUN, G. Passeios ao

Léu. Ensaios. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 143-153.

LENIN, Vladimir I. **Obras Escolhidas**. Em Três Tomos. 2. ed. São Paulo: Alfa-Omega, [1902, 1920] 1982.

MARCOS, Subcomandante. **Los Pueblos Indios dieron rumbo, destino y velocidad a nuestro sueño: Discurso del Subcomandante Insurgente Marcos**. Revista Rebeldía. n. 62. out. 2008.

MAZIÈRE, Francine. “Pêcheux sempre trabalhou com andaimes”: entrevista com Francine Mazière. Tradução de Guilherme Adorno. In: CONTRADIT (Org.). **Encontros na Análise de Discurso: efeitos de sentido entre continentes**. Campinas: Editora da Unicamp, 2019.

MOREL, Ana .P. M. **Cantões curdos e caracóis zapatistas: autonomias hoje**. Gavagai. Erechim, v. 4, n. 1, p. 100-112, jan./jun. 2017.

_____. **A luta pela terra na cosmopolítica do movimento zapatista**. Revista de Estudos Libertários. Rio de Janeiro: UFRJ, jan/jun. 2019. s.p.

ORLANDI, Eni. P. **Discurso e Texto: Formulação e circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, Michel. **Delimitações, inversões, deslocamentos**. Tradução de José Horta Nunes. Caderno de Estudos Lingüísticos. Campinas: Unicamp/IEL, n. 19, p. 7-24, jul./dez, [1981] 1990.

_____. **Semântica e Discurso: Uma Crítica à Afirmação do Óbvio**. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi, Lourenço Chacon Jurado Filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa e Silvana Mabel Serrani. 3. ed. Campinas: Ed. Unicamp, [1975] 1997.

_____. Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. In: **Semântica e Discurso: Uma Crítica à Afirmação do Óbvio**. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi, Lourenço Chacon Jurado Filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa e Silvana Mabel Serrani. 3. ed. Campinas: Ed. Unicamp, [1978] 1997.

_____. **Ousar pensar e ousar se revoltar. Ideologia, marxismo, luta de classes**. 2014. Décalages: vol. 1: Iss. 4. Disponível em: <<https://scholar.oxymagazine.com/decalsages/vol1/iss4/15>> Acesso em: 10 jul. 2019.

SADER, Emir. **As autocríticas da Esquerda**. In: Portal Vermelho. nov. 2016. Disponível em: <<http://www.vermelho.org.br/noticia/289242-1>> Acesso em: 20 jul. 2019.

SILVEIRA, Bruno. P. da. **O pulsar do centro da terra: interpretação do apoio zapatista à candidatura presidencial**. Katál., Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 43-54, jan./abr. 2018.